

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2010

VOLUME I



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE



PRODUÇÃO DIDÁTICO – PEDAGÓGICA

PROFESSORA PDE : Maria Julia Batista Mendes

ORIENTADORA: Valdeci Batista de Melo Oliveira

CASCADEL

2012

UNIDADE DIDÁTICA

A CRÔNICA COMO ELEMENTO MOTIVADOR PARA A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

Produção didático-pedagógica apresentada à
SEED – Secretaria de Estado da Educação,
como parte integrante do PDE – Programa de
Desenvolvimento Educacional.

Orientadora: Valdeci Batista de Melo Oliveira

CASCADEL

2012

(...)

O mundo é como um espelho que devolve a cada pessoa o reflexo de seus próprios pensamentos e seus atos. A maneira como você encara a vida é que faz toda diferença. A vida muda, quando "você muda".

Luís Fernando Veríssimo

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	04
2 PRIMEIRA ETAPA: Determinação do horizonte de expectativas	10
2.1 PARA INÍCIO DE CONVERSA: Conhecendo o gênero crônica	10
2.1.1 Crônica – Conversinha mineira	12
ATIVIDADES.....	14
2.1.2 Crônica – A última crônica.....	14
ATIVIDADES.....	15
3 SEGUNDA ETAPA: Atendimento do horizonte de expectativas	17
3.1 DINÂMICA.....	17
3.1.1 Crônica: Professores de Inglês	17
ATIVIDADES	19
4 TERCEIRA ETAPA; Ruptura do horizonte de expectativas	20
4.1 CRÔNICA: O Lixo	20
ATIVIDADES	22
5 QUARTA ETAPA; Questionamento do horizonte de expectativa	23
5.1 DINÂMICA	23
5.2 Crônica: O amor acaba	23
ATIVIDADES	25
6 QUINTA E ÚLTIMA ETAPA: Ampliação do horizonte	26
6.1 FALANDO SOBRE MACHADO DE ASSIS.....	26
6.2 Crônica: Como comportar-se no Bonde	26
ATIVIDADES.....	28

7 PRODUZINDO UMA CRÔNICA	31
8 PUBLICANDO UMA CRÔNICA.....	32
REFERENCIAS.....	34

NRE: Pitanga	Município: Santa Maria do Oeste
Professora: Maria Júlia Batista Mendes	
Email:	
Escola: Colégio Estadual José de Anchieta – EFMNP	
Disciplina: Língua Portuguesa _ Ensino Fundamental () Ensino Médio (X)	
Conteúdo Estruturante:	
Conteúdo Específico: Leitura Literária	
Título: A CRÔNICA COMO ELEMENTO MOTIVADOR PARA A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA	
Orientadora: Valdeci Batista de Melo Oliveira	

1 APRESENTAÇÃO

Podemos observar na prática de sala de aula que grande parte dos alunos do Ensino Médio não gosta de ler leituras literárias, talvez por julgarem estes textos de difícil entendimento ou por não terem tido oportunidade de conhecer esse tipo de leitura nas séries anteriores ou até mesmo porque não estão preparados para tal.

Objetiva-se com esta unidade didática a discussão e a sistematização de alguns aspectos a respeito da necessidade de se trabalhar com o gênero literário crônica em sala de aula como atividade lúdica de leitura e em busca de conhecimento. Desta forma, é preciso despertar no aluno o interesse e a motivação pelo extenso e rico universo da crônica e na ousadia de escritores como Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Luiz Fernando Veríssimo, Paulo Mendes Campos e Machado de Assis, que pelo uso da imaginação seja possível mostrar um mundo surpreendente, cheio de humor, ironia, lirismo, surpresas. Com esses mestres e suas obras poder-se-á pretender ampliar o horizonte de expectativas do aluno leitor entendendo aqui a leitura como orientação para a emancipação e o comportamento crítico.

O presente trabalho será desenvolvido no Colégio Estadual José de Anchieta, localizado na Rua Generoso Karpinski, 1345, no município de Santa Maria do Oeste. Contudo, a escolha deste tema foi se formando durante diversos anos da práxis pedagógica em sala de aula. A experiência que deles resulta nos faz crer que grande parte dos alunos, mesmo quando faz a leitura de textos menores, sente imensa dificuldade em compreender e interpretar a mensagem textual.

A faixa etária dos jovens participantes desse projeto varia de 14 a 15 anos de idade, e com relação à leitura dos jovens desta faixa etária, Ítalo Calvino explica que:

(...) as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência, das instruções para o uso, inexperiência da vida. Porém ser, (talvez ao mesmo tempo formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada dos livros lidos na juventude.(...) (CALVINO, 1993, p. 10).

Acredita-se que esta estratégia de trabalho em sala de aula possa contribuir para a formação do leitor, porque “a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação da matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário” (ZILBERMANN, 1990, p.18).

Trabalhando segundo a concepção teórica da Estética da Recepção procura-se fazer com que os alunos se tornem leitores capazes de ler e compreender, mantendo um comportamento ativo sobre a leitura realizada e interagindo as informações recebidas com o ambiente que os cerca, onde buscamos propiciar situações que promovam mudanças de comportamentos.

(...) horizontes de expectativas, misto dos códigos vigentes e uma soma de experiências acumuladas, além da emancipação, entendido como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere nova visão da realidade (ZILBERMANN, 1989, p.49).

Não podemos deixar de mencionar que os textos literários são uma das manifestações da arte, Zilbermann (1989, p. 59) pontua que “a função social da arte advém da possibilidade de influenciar o destinatário, quando veicula normas ou quando as cria”. Sendo assim, podemos entender que esta função social é ativa, já que se comunica com o leitor, passando-lhes algumas normas para que estes se identifiquem com elas.

A opção por estudar com os alunos o gênero crônica tem como princípio o ideal de autonomia de quem aprende e a possibilidade de uma revisão conceitual de quem ensina. Com a proposta de produzir textos na perspectiva do gênero crônica, o estudo teve como referências as contribuições de Guedes (2006). Este autor identifica uma crise de identidade a partir da crise da formação e do exercício da profissão docente e da crise da tarefa. Para Foucault (2007) a categoria autor é entendida como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como centro de sua coerência, mais do que o indivíduo falante que produziu ou escreveu um texto. Resende (2001) ainda comenta que “a crônica pode ensinar ao historiador tantas vezes míope diante do que pode parecer pequeno e carecer de sentido se contrastado com o movimento maior das sociedades, ou do que se perde na voragem dos dias para quem se acostumou há medir o tempo por séculos”.

Carlos Ribeiro em seu livro, “**À Luz das Narrativas**”, nos apresenta algumas características da crônica: Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que se trata não somente de um gênero híbrido, localizado na fronteira da literatura e do jornalismo, já que é publicada originalmente nas páginas de jornal e revistas, mas também múltiplo, que, como assinala Massaud Moisés (1995), “[...] pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias etc.”.

A crônica tem como elemento preponderante do gênero a adesão ao real. Isto é, àquele conceito de realidade cotidiana com o qual o leitor se depara diariamente e que se enquadra perfeitamente na definição de E. M. Forster, de um retrato da “vida através do tempo”. É quase certo que, ao abrir ao acaso qualquer livro do elenco de cronistas modernos no Brasil, o leitor se depare com esses elementos do cotidiano, ditos prosaicos. Um realismo no qual a vida cotidiana, com seus personagens, reais ou fictícios, é retratada no que tem de mais próximo ao dia-a-dia do homem comum. Ligada ao jornalismo, a crônica está presa, quase sempre, ao circunstancial. Nela, o autor pode carregar o leitor para suas micro aventuras diárias, cujas fronteiras com a ficção são muitas vezes nebulosas, como nas crônicas/contos de Fernando Sabino. Ou, como Raquel de Queiroz, desvelar um mundo vasto de episódios, costumes e anedotas do sertão nordestino – e seu flagrante contraste com o mundo cosmopolita. Mas, de um modo ou de outro, lá estão, o homem e o meio, perfeitamente discerníveis em suas peculiaridades, em suas particularidades. (Carlos Ribeiro, 2009, p.28)

Entretanto, ao mesmo tempo em que a crônica se mostra, aparentemente, como um texto de leitura mais fácil, ela pressupõe um leitor de competências de leituras mais apuradas, detentor de um vasto conhecimento de mundo, tal qual o autor, capaz de manusear, com propriedade, temas diversos. Por isso se justifica a escolha de tal gênero. Sendo este um texto breve, o professor pode propiciar a leitura de um mesmo texto por todos os alunos, uma vez que há a possibilidade de leitura de uma mesma crônica na TV pendrive, em transparências, ou até mesmo diretamente na internet no laboratório de informática do colégio. Assim todos os alunos poderão discutir um mesmo texto lido, compartilhando a sua interpretação, ampliando-a durante discussões em sala. Conseqüentemente, espera-se que por meio da leitura do gênero crônica os alunos sejam capazes de saber compreender e discutir sobre o tema, assunto e cenários retratados nos textos, bem como identificar qual é a situação do cotidiano envolvida além do tom do texto e o seu respectivo foco narrativo.

Assim, delinea-se como objeto desta unidade didática as práticas e saberes dos alunos em relação à leitura literária, tendo como princípio a leitura e interpretação do gênero Crônica, no Colégio Estadual José de Anchieta, tendo como parâmetro norteador o Método Recepcional, descrito por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar, esse método prevê cinco etapas:

- A primeira etapa é aquela em que ocorre a determinação do horizonte de expectativas. Nela, devem-se atentar as características culturais, interesses de leitura, crenças e valores, observando as preferências do aluno.

- Na segunda fase desenvolve-se o atendimento do horizonte de expectativas. Nessa fase os textos selecionados devem satisfazer as aspirações dos alunos de acordo com seu perfil.

- A terceira etapa diz respeito à ruptura do horizonte de expectativas. É o momento de confrontar o familiar e o novo, afirmando o caráter inovador da obra.

- A quarta fase é denominada pelas autoras o questionamento do horizonte de expectativas. É a hora da apreciação das obras lidas, bem como a análise e a crítica sobre as leituras que vem sendo feitas.

- A quinta e última etapa designa-se como a ampliação do horizonte de expectativas. Assim sendo, a atividade de leitura fundada nos pressupostos da Estética da Recepção deve priorizar a chamada “obra difícil”, pois nela consiste o poder de transformação de sistemas ideológicos sujeitos à crítica.

Pretende-se levar para a sala de aula vários tipos de crônicas, com uma variedade de assuntos e embasado no que norteia Zilberman e Bordini e Aguiar, pretende-se passar por três esferas do processo de leitura:

Primeiramente será aberto para uma discussão e fazer uma possível sondagem do conhecimento de mundo do aluno leitor ao mesmo tempo no processo de discussão, será necessário observar o conhecimento de mundo dos demais e ser somado as experiências.

Numa segunda etapa, partindo das de mais fácil entendimento para as mais difíceis. Serão distribuídos vários tipos de crônicas para os alunos, os quais lerão em voz baixa e individualmente.

Em seguida, será solicitado que cada indivíduo explique e explique o assunto de sua crônica para os demais, fazendo com isso o que Zilberman fala sobre a ideologia social, pois nesse momento será dada oportunidade e a

devida importância ao aluno enquanto sujeito que ocupa um lugar na sociedade. E também é a partir daí que se dará a ruptura do horizonte de expectativas, onde o aluno sai do lugar comum e começa a entender o texto e a ler as entrelinhas.

Para determinar este horizonte de expectativas é preciso antes de tudo, conhecer o gênero a ser estudado.

Esta unidade terá como objetivo analisar o conhecimento prévio dos educandos quanto à crônica e ampliar esse conhecimento, fazendo trabalho de leitura e de escrita sobre os textos propostos. Portanto, é interessante iniciar pela discussão oral, fazendo levantamento de hipóteses, provocando um debate em sala, baseado nas seguintes questões:

- Você sabe o que é uma crônica?
- Você já leu alguma crônica? Qual?
- Quem era seu autor?
- Você conhece algum cronista brasileiro? Qual?
- Em que lugar as crônicas são veiculadas?

Discutidas as questões e observadas às respostas o professor partirá para a explicação do Gênero Literário **Crônica**.

2 PRIMEIRA ETAPA: Determinação do horizonte de expectativas

Nesta etapa é que ocorre a determinação do horizonte de expectativas. Nela, devem-se atentar as características culturais, interesses de leitura, crenças e valores, observando as preferências de cada educando.

2.1 Para início de conversa - CONHECENDO O GÊNERO CRÔNICA

Carlos Drummond de Andrade em sua crônica que fala sobre a crônica nos faz refletir sobre esse gênero textual. Vejamos:

“Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata de editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem afaz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou o comentário precisos que cobramos dos outros, O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial, e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isto seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.” (ANDRADE, Carlos Drummond de. Ciao. Jornal do Brasil, São Paulo, 29 set.

1984. In: (<http://www.terra.com.br/noticias/educacao/simulado-enem-2010/linguagens12.htm> - acessado em 26/08/2011)

Identificamos neste texto, na interpretação do autor o conceito de crônica. A linguagem leva a uma precisa definição do que se trata tal gênero. Em seguida vamos comentar sobre o texto lido e apresentar algumas características do gênero:

“A crônica é um gênero que tem relação com a ideia de tempo e consiste no registro de fatos do cotidiano em linguagem literária, conotativa”. A origem da palavra crônica é grega, vem de *chronos* (tempo), é por isso que uma das características desse tipo de texto é o caráter contemporâneo.

A crônica pode receber diferentes classificações:

- **a lírica**, em que o autor relata com nostalgia e sentimentalismo;
- **a humorística**, em que o autor faz graça com o cotidiano;
- **a crônica-ensaio**, em que o cronista, ironicamente, tece uma crítica ao que acontece nas relações sociais e de poder;
- **a filosófica**, reflexão a partir de um fato ou evento;
- **e jornalística**, que apresenta aspectos particulares de notícias ou fatos, pode ser policial, esportiva, política, entre outras. (Marina Cabral, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura In: <http://www.brasilecola.com/redacao/a-cronica.htm>. acessado em 26/08/2011)

1. Depois de já termos conhecido um pouco sobre a crônica, vamos responder às seguintes questões oralmente:

- a) Quem costuma ler crônicas em jornal ou revista eu em blogs da internet?

- b) Quem já ouviu crônicas em programas de rádio ou televisão? De que assuntos tratavam essas crônicas?
- c) Em seguida dividir a turma em grupos de no máximo quatro alunos entregar-lhes um jornal, uma revista semanal ou livro que contenha crônica. A tarefa do grupo será folhear, ler e escolher uma crônica para apresentar aos colegas, indicando as características da crônica presentes no texto escolhido.
- d) Pedir para que os alunos pesquisem para a próxima aula sobre a crônica: origem da palavra, tons da crônica, características da crônica...
2. Levar para a sala de aula o vídeo da crônica “Conversinha Mineira” de Fernando Sabino, disponível no site <http://www.youtube.com/watch?v=HidIEZda2MA>, utilizando o datashow e depois fazer com que os alunos, em grupo, realizem a seguinte atividade oral:
- a. Qual o tipo de crônica presente no vídeo?
- b. Quais as características mais marcantes da crônica estão presentes na conversa?
- c. Em seguida entregar aos alunos o texto escrito:

2.1.1 CRÔNICA

CONVERSINHA MINEIRA

Fernando Sabino

- _ É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?
- _ Sei dizer não senhor: não tomo café.
- _ Você é dono do café, não sabe dizer?
- _ Ninguém tem reclamado dele não senhor.
- _ Então me dá café com leite, pão e manteiga.
- _ Café com leite só se for sem leite.

- _ Não tem leite? _ Hoje, não senhor.
- _ Por que hoje não?
- _ Porque hoje o leiteiro não veio.
- _ Ontem ele veio?
- _ Ontem não.
- _ Quando é que ele vem?
- _ Tem dia certo não senhor. Às vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir em geral não vem.
- _ Mas ali fora está escrito "Leiteria"!
- _ Ah, isso está, sim senhor.
- _ Quando é que tem leite?
- _ Quando o leiteiro vem.
- _ Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê?
- _ O quê: coalhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?
- _ Está bem, você ganhou. Me traz um café com leite sem leite. Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?
- _ Sei dizer não senhor: eu não sou daqui. Há quanto tempo o senhor mora aqui?
- _ Vai para uns quinze anos. Isto é, não posso a garantir com certeza: um pouco mais, um pouco menos.
- _ Já dava para saber como vai indo a situação, não acha?
- _ Ah, o senhor fala da situação? Dizem que vai bem.
- _ Para que Partido?
- _ Para todos os Partidos, parece.
- _ Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.
- _ Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que outro. Nessa mexida...
- _ E o Prefeito?
- (...)

ATIVIDADES

1. Agora é o momento de discussão sobre este texto lido e escrito. Apresentar à crônica utilizando a TV pendrive, e junto com os alunos discutir alguns pontos importantes:
 - a) Pedir aos alunos que comparem o texto escrito com a o vídeo e estabeleçam a relação entre os dois discursos. Destacar o tom da crônica.
 - b) “Conversinha Mineira” denuncia uma realidade social? Qual?
 - c) Em grupos, pedir aos alunos para fazer a dramatização da crônica em estudo.
2. Também de Fernando Sabino “A última crônica” retrata uma realidade não muito distante de nós, um fato do cotidiano que chamou a atenção do cronista que estava procurando algo, um fato, que pudesse ser chamado de crônica.

2.1.2 CRÔNICA

A ÚLTIMA CRÔNICA

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca de pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não

sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica (...)

Elenco de cronistas modernos.

21ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

A leitura da crônica dar-se-á primeiramente de forma individual e silenciosa. Depois, os alunos trabalharão em grupo, fazendo a leitura oral da mesma. O professor deve observar a fluência, ritmo e uso da pontuação.

ATIVIDADES

1. Levar o vídeo da crônica em estudo, disponível no site <http://www.youtube.com/watch?v=MODgSsn6XBM&feature=related> para os alunos fazerem a apreciação da crônica. Depois de terem assistido ao vídeo é importante estabelecer um paralelo entre o texto escrito e o vídeo, quais sensações são mais presentes nos dois tipos de exibição do texto, onde ficam mais marcantes as características da crônica.

2. Por meio de perguntas o professor deverá explorar um pouco a título “A última crônica”.

- a) Por que tem este título a crônica em estudo?
- b) Onde o autor procurou o material para escrever esta crônica?
- c) Quais são as características mais marcantes da crônica neste texto?
- d) De que poeta o autor se refere em sua crônica?

3. Depois da leitura, explicar oralmente quem é o autor, suas obras, sobre o objetivo desta crônica; onde ocorreu o fato nela exposto, quais as personagens, em que época e cenário ocorreu.

4. Apresentar aos alunos o poema de Manuel Bandeira, o qual Fernando Sabino menciona em sua crônica:

Assim eu queria
o meu último poema.
Que fosse terno
dizendo as coisas
mais simples e
menos intencionais.
Que fosse ardente,
como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza
das flores quase sem perfume.
A pureza da chama
em que se consomem
os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas,
que se matam sem explicação.

Manuel Bandeira

5. Apresentar a biografia de Fernando Sabino, disponível no site http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_976.html

3 SEGUNDA ETAPA: ATENDIMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Nesta fase os textos selecionados devem satisfazer as aspirações dos alunos de acordo com seu perfil.

3.1 DINÂMICA: Barbante

Cada educando deve ser convidado a segurar um barbante (30 cm de comprimento) com a mão direita, ligeiramente distante do corpo, e imaginar quantos nós poderia dar nesse barbante em um minuto, sem apoiá-lo ou encostá-lo no corpo. Deve, depois, imaginar quantos nós poderia dar, também em um minuto, segurando o barbante com a mão esquerda. Deve anotar sua expectativa. Após essas anotações, o educador sugere que executem a tarefa. Ao término da mesma deve fazer um levantamento total dos nós anotados como expectativa e o total de nós, efetivamente feitos. Em geral, há uma expressiva diferença no conjunto de educandos quanto à expectativa e o número real, sempre bem mais alto. Essa diferença abre espaço para um debate sobre o auto-conhecimento e sobre a tendência em minimizarmos nossas reais possibilidades.

Para entendermos melhor a dinâmica vamos conhecer um pouco sobre as crônicas de Cecília Meireles.

Para início a professora fará uma breve apresentação da biografia da autora com o vídeo “Cecília Meireles – vida e obra” disponível no site (<http://www.youtube.com/watch?v=VE0x1eLkVQI>) acessado em 15/09//2011.

Em seguida utilizando-se da TV pendrive a professora mostrará a crônica “Professores de Inglês” de Cecília Meireles

3.1.1 CRÔNICA

PROFESSORES DE INGLÊS

Cecília Meireles

Hoje qualquer pessoa pode aprender inglês com a maior facilidade: há institutos e cursos especializados, livros que dispensam professor, aulas pelo rádio e pela televisão, métodos tão modernos que nem me atrevo a descrever, com medo de me sentir inatual. Mas houve um tempo em que não era assim: os professores de inglês eram difíceis de encontrar, os alunos também não pareciam muito numerosos, a literatura francesa dominava com uma encantadora prepotência, e parece que todo brasileiro educado devia saber, em matéria de idiomas, apenas português e francês.

Mas, por ter descoberto [Keats](#) e [Shelley](#), nem sei bem como eu andava à procura de quem me ensinasse inglês, fosse por que método fosse, contanto que eu pudesse chegar à poesia inglesa com a maior rapidez possível.

Comecei a frequentar um instituto onde havia muitos cursos de arte e literatura. Parecia-me que aquele era o caminho. E dispunha-me a uma dedicação total aos meus exercícios. Mas a boa professora, embora sem ser inglesa, mas com cursos no estrangeiro, grande prática em aulas particulares e outras especificações, iniciou suas aulas com um pequeno discurso sobre a absoluta necessidade de se conjugar perfeitamente os verbos "to be" e "to have", antes de se conhecer sequer uma palavra do vocabulário.

(...)

Feitas essas primeiras experiências, pareceu-me melhor ir diretamente aos autores, e, de vez em quando, aperfeiçoar-me por meio de quantos livros de "inglês sem mestre" fossem aparecendo.

Encerrado o ciclo das professoras, começou o dos professores. Um era persa, e dava-me a traduzir sentenças filosóficas, sem se ocupar dos modos e tempos do "to be" nem do "to have". O outro vinha da Austrália: contava histórias da feitiçaria (esse era para o inglês falado), mas no meio das histórias ficava com tanto medo do que estava contando que era preciso tranquilizá-lo e mudar de assunto.



Por isso, no dia em que visitei a casa de Keats, em Roma, não pude deixar de pensar com ironia e tristeza: como são longos, às vezes, os caminhos da vida! E quanto tempo se pode levar para se chegar a um Poeta!

In: MEIRELES, Cecília. *Ilusões do Mundo: crônicas*. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1982.

ATIVIDADES

1. Após a leitura a professora estimulará a seguinte discussão:
2. A autora tinha um objetivo em querer aprender Inglês. Qual era esse objetivo?
3. No começo do seu texto a autora estabelece um paralelo entre o presente e o passado. Que diferença ela nota entre estes dois momentos quanto ao ensino de inglês?
4. Faça um breve relato da descrição dos seus professores?
5. No final da crônica ela diz “não pude deixar de pensar com ironia e tristeza”. O que há de irônico e triste nesta crônica?
6. Após a apreciação das respostas, pedir para que os alunos, em grupos de no máximo três, escrevam outro desfecho para a crônica.
7. ENTREVISTA: os alunos entrevistarão uma professora/ professor ou alguém da família sobre as impressões que tiveram sobre os professores que mais marcaram a vida de cada um (questionário pré-elaborado). Após a realização da atividade será feita a socialização desta em sala de aula.

4 TERCEIRA ETAPA – RUPTURA DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Nesta etapa é o momento de confrontar o familiar e o novo, afirmando o caráter inovador da obra.

Apresentar a biografia de Luis Fernando Veríssimo e pedir que os alunos pesquisem crônicas de autor disponíveis em <http://literal.terra.com.br/verissimo/>, como tarefa para a aula seguinte e apontem quais as temáticas abordadas nos textos e o que caracteriza a produção textual desse autor, levando-os a reflexão sobre esse gênero discursivo.

Neste sentido será proposto aos alunos a leitura compartilhada da crônica “**O LIXO**” de Luís Fernando Veríssimo, onde um aluno fará a fala da personagem masculina e uma aluna a fala da personagem feminina. (fazer a dramatização).

4.1 CRÔNICA

O LIXO

Luís Fernando Veríssimo

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- E o senhor do 612.
- É.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois é...
- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...

- O meu quê?
- O seu lixo.
- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.
- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chame de você.
- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- (...)
- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
- Ontem, no seu lixo...
- O quê?
- Me enganei, ou eram cascas de camarão?
- (...)

ATIVIDADES

1. Discutir com a turma o conteúdo do texto, a linguagem utilizada, a estrutura escolhida pelo autor.

2. Em grupos, cada um apresentará aos colegas da equipe a crônica pesquisada. Em seguida escolherão uma delas para apresentação à turma, destacando o tema e as principais características das crônicas que estão presentes no texto escolhido.

5 QUARTA ETAPA – QUESTIONAMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Esta fase é a hora da apreciação das obras lidas, bem como a análise e a crítica sobre as leituras que vêm fazendo. Os alunos avaliarão os textos, desenvolvendo desta maneira a capacidade crítica e o gosto pela leitura.

5.1 DINÂMICA : REFLEXÃO

Desenvolvimento

O professor distribui uma página de jornal para cada aluno. Diz que irá propor algumas trocas e que a regra será a de aceitá-las.

Escolher aleatoriamente cinco alunos da sala e faz as trocas por:

- uma folha bem amassada;
- um pedacinho de jornal rasgado;
- uma gravura bem bonita do jornal;
- uma folha cheia de buracos;
- uma tira de jornal.

Solicitar, em seguida, que construam algo com a folha que possuem em mãos.

Pedir a alguns alunos que expliquem o que construíram e que todos os cinco também apresentem as suas "obras".

Reflexões: a criatividade é um dos grandes lemas; a vontade é o caminho; todos podem construir algo de valor se nos esforçarmos para tanto!

Após a dinâmica sugerir a leitura da crônica “O amor acaba” de Paulo Mendes Campos, em seguida apresentar informações sobre o autor.

5.2 CRÔNICA

O AMOR ACABA

Paulo Mendes Campos

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido iceberg, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se eriça e acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; (...)

ATIVIDADES

Após realizar a leitura da crônica “O amor acaba” a professora fará a apresentação da biografia de Paulo Mendes Campos disponível no site: http://www.releituras.com/pmcampos_bio.asp

1. Em seguida a professora realizará junto com os alunos a análise do texto. Os alunos devem registrar suas dificuldades, suas dúvidas. Pedir para que identifiquem efeitos de ironia ou humor; reconheçam os elementos constitutivos da crônica, estabeleçam relações entre partes de um texto, identificando as repetições e substituições que contribuem para a continuidade dele.
2. Chegou a hora de escrever. Usando a imaginação, escreva em um parágrafo porque “O AMOR NÃO ACABA”, sempre levando em conta os elementos constitutivos da crônica, pode ser escrito em primeira ou terceira pessoa e não se esquecer de escolher o tom da crônica.
3. Depois dos textos produzidos alguns alunos compartilharão o seu texto com os colegas.

6 QUINTA E ÚLTIMA ETAPA – AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Nesta última etapa os alunos tomam consciência de que o processo de leitura realizado por eles sofreu alterações, neste sentido eles partem para novos desafios. Assim sendo a Estética da Recepção deve priorizar a chamada “obra difícil”, pois nela consiste a formação do sujeito crítico.

6.1 FALANDO SOBRE MACHADO DE ASSIS

Levar a biografia resumida de Machado de Assis, um dos principais cronistas brasileiros, sua vida e obra. Usando a TV Pendrive para comentar sobre sua biografia disponível em: <http://www.machadodeassis.net/biografia.htm>

Apresentar uma de suas crônicas que terá como objetivo analisar o comportamento das pessoas dentro de um bonde, segundo a visão de Machado para depois transpor esse comportamento para os dias atuais em diversas circunstâncias da vida cotidiana.

6.2 CRÔNICA

COMO COMPORTAR-SE NO BONDE

Machado de Assis

"Tem lugar aí no seu joanete?"

Irônico texto da foto em publicação da época e que ilustra bem a situação em o que se tornou a falta de investimento neste tipo de transporte, gerando a super-lotação dos mesmos nos horários de pico.

Ainda sobre o bonde, único meio de transporte que nos legou várias expressões, tais como "pegar o bonde andando" , "perder o bonde da história", entre outros, há um interessante texto de Machado de Assis de 1883, que reproduzimos à seguir:

"Como comportar-se no bonde



Ocorreu -me compor uma certas regras para uso dos que frequentam *bondes*. O desenvolvimento que tem sido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático! exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho; basta saber que tem nada menos de setenta artigos. Vão apenas dez.

Art. I - Dos encatarroados

Os encatarroados podem entrar nos bondes com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro.

Quando a tosse for tão teimosa, que não permita esta limitação, os encatarroados têm dois alvitres: -ou irem a pé, que é bom exercício, ou meterem-se na cama. Também podem ir tossir para o diabo que os carregue.

Os encatarroados que estiverem nas extremidades dos bancos, devem escarrar para o lado da rua, em vez de o fazerem no próprio *bonde*, salvo caso de aposta, preceito religioso ou maçônico, vocação, etc., etc.

Art. II - Da posição das pernas

As pernas devem trazer-se de modo que não constanjam os passageiros do mesmo banco. Não se proíbem formalmente as pernas abertas, mas com a condição de pagar os outros lugares, e fazê-los ocupar por meninas pobres ou viúvas desvalidas, mediante uma pequena gratificação.

Art. III - Da leitura dos jornais

Cada vez que um passageiro abrir a folha que estiver lendo, terá o cuidado de não roçar as ventas dos vizinhos, nem levar-lhes os chapéus. Também não é bonito encostá-los no passageiro da frente.

Art. IV - Dos quebra-queixos

É permitido o uso dos quebra-queixos em duas circunstâncias: a primeira quando não for ninguém no bonde, e a segunda ao descer.

(...)

Art. VIII - Das pessoas com morrinha

As pessoas com morrinha podem participar dos bondes indiretamente: ficando na calçada, e vendo-os passar de um lado para outro. Será melhor que morem em rua por onde eles passem, porque então podem vê-lo mesmo da janela

Art. IX - Da passagem às senhoras

Quando alguma senhora entrar o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, não só porque é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas como porque é uma grande má-criação.

Machado de Assis 1883"

<http://fotolog.terra.com.br/nder:139> Acessado em 13/08/2011

ATIVIDADES

1. Passar na TV pendrive fotos de bondes do Rio de Janeiro daquela época e que foi escrita à crônica.
2. Procurar no dicionário o significado das palavras desconhecidas
3. Levar a crônica em slides e usar o *datashow* para juntos comentarem e debaterem sobre cada artigo mencionado no texto e remetê-los a temas atuais, tais como: celulares, ônibus, fumantes, som de carro, sala de aula e refletindo com os alunos sobre o desrespeito nas relações humanas, mostrando a atualidade da crônica.
4. Convidar os alunos a retomar a crônica procurando identificar: a época que foi escrita; a relação entre o tema e a linguagem usada pelo autor, refletindo o espírito e a realidade do seu tempo.
5. Sugerir uma produção de texto (em grupos) em que os alunos elaborarão os seus próprios artigos sobre as regras de convivência. Distribuir para cada equipe um tema, como por exemplo, como comportar-se com o celular na sala de aula; como comportar-se no ônibus; como comportar-se com os professores durante as aulas; como comportar-se num restaurante; como comportar-se no pátio da escola, entre outros.

6. Explorar a Crônica “MAR” de Rubem Braga

Mar

Rubem Braga

A primeira vez que eu vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tínhamos viajado para ver o mar. No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto. Ele nos contava que havia três espécies de mar: o mar mesmo, a maré, que é menor que o mar, e a marola, que é menor que a maré. Logo a gente fazia ideia de um lago enorme e duas lagoas. Mas o menino explicava que não. O mar entrava pela maré e a maré entrava pela marola. A marola vinha e voltava. A maré enchia e vazava. O mar às vezes tinha espuma e às vezes não tinha. Isso perturbava ainda mais a imagem. Três lagoas mexendo, esvaziando e enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma porção de espumas, tudo isso muito salgado, azul, com ventos.

Fomos ver o mar. Era de manhã, fazia sol. De repente houve um grito: o mar! Era qualquer coisa de largo, de inesperado. Estava bem verde perto da terra, e mais longe estava azul. Nós todos gritamos, numa gritaria infernal, e saímos correndo para o lado do mar. As ondas batiam nas pedras e jogavam espuma que brilhava ao sol. Ondas grandes, cheias, que explodiam com barulho. Ficamos ali parados, com a respiração apressada, vendo o mar...

Depois o mar entrou na minha infância e tomou conta de uma adolescência toda, com seu cheiro bom, os seus ventos, suas chuvas, seus peixes, seu barulho, sua grande e espantosa beleza. Um menino de calças curtas, pernas queimadas pelo sol, cabelos cheios de sal, chapéu de palha. Um menino que pescava e que passava horas e horas dentro da canoa, longe da terra, atrás de uma bobagem qualquer - como aquela cianea (*medusado gênero cyanea*) de franjas azuis que boiava e afundava e que, afinal, queimou sua mão...

(...)

In: <http://www.analisedetextos.com.br/2011/10/quem-conta-um-conto-aumenta-um-ponto.html> (acessado em 20/10/2011)

7. Após a leitura tecer comentários orais sobre:

- a) Personagens;
- b) Tom da crônica;
- c) O que o autor quis dizer com “Depois o mar entrou na minha infância e tomou conta de uma adolescência toda,…”
- d) Qual fato que desencadeou a crônica;
- e) Qual foi o fato mais marcante de sua vida?
- f) Qual foi o fato que te aconteceu pela primeira vez na vida e que poderia dar uma boa crônica?

7 PRODUZINDO UMA CRÔNICA

Como atividade final os alunos produzirão uma crônica, retratando um episódio marcante em sua vida, tendo como tema “A primeira vez”, ou ainda poderão utilizar-se de outros temas que foram explorados anteriormente.

8 PUBLICANDO UMA CRÔNICA

Depois de intenso trabalho é importante fazer uma avaliação do percurso realizado junto com os alunos e celebrar com eles os avanços conquistados.

Os textos (crônicas) produzidos pelos autores poderão fazer parte de uma coletânea, num livro produzido por eles. Depois do trabalho concluído, a sugestão é convidar os pais, professores e comunidade escolar para o seu lançamento e apresentação num **Sarau de Crônicas**.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 1962.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, Dagmar Dnalva da Silva. **CRÔNICAS NA SALA DE AULA: O COTIDIANO NA PONTA DO LÁPIS**
http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/lingua_portuguesa/co/310-697-1-SM.pdf. Acesso em 20/01/2012

CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acabar: crônicas líricas e existenciais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GUEDES, Paulo C. **A formação do professor de português – Que língua vamos ensinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MEIRELES, Cecília. **Ilusões do Mundo: crônicas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
 NOGUEIRA, Armando. **Os melhores da crônica brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SABINO, Fernando. **Elenco de cronistas modernos**. 21. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

VERÍSSIMO. Luís Fernando. **O analista de Bagé**. L&PM, 1981.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4. ed. São Paulo: Global Ed., 1985.

LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. **A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientações para produção de textos**. São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada)

_____. **"O estatuto da literatura infantil"**. In: ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. "**Sim, a literatura educa**". In: ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro da. Literatura e pedagogismo – ponto & contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

RESENDE, Beatriz. **Cronistas do Rio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 2001, p. 21

RIBEIRO, Carlos Jesus. **À luz das narrativas** : escritos sobre obras e autores / Carlos Jesus Ribeiro. - Salvador : EDUFBA, 2009.

SITES CONSULTADOS

<http://ptmiriamfajardo.pbworks.com/w/page/19749776/Est%C3%A9tica-da-recep%C3%A7%C3%A3o:-Coloca%C3%A7%C3%B5es-gerais> . Acesso em 19 de fevereiro de 2011.

(<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/837-4.pdf> p.11). Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

(<http://images.google.com.br/images>) acesso em 25 de julho de 2011

<http://fotolog.terra.com.br/nder:139> Acessado em 13/08/2011

<http://www.machadodeassis.net/biografia.htm>. Acessado em 25/08/2011

<http://www.dominiopublico.gov>

<http://www.releitura.com>

<http://literal.terra.com.br/verissimo>. Acessado em 26/08/2011

<http://youtube.com/MODgSsn6XBM&feature=related>. Acessado em 25/08/2011

<http://www.analisedetextos.com.br/2011/10/quem-conta-um-conto-aumenta-um-ponto.html>